

# Como se Linda Hutcheon, Paul Ricoeur e Antonio Candido lessem *Don Frutos*: o jogo entre a ficção, a história e o fronteiriço no romance de Aldyr Garcia Schlee

Alexandre Antonio Ramos  
Maciel

Mestrando em Letras – Literatura  
Comparada pelo Centro de Letras  
e Comunicação da  
Universidade Federal de Pelotas

[alexandre.tull@gmail.com](mailto:alexandre.tull@gmail.com)

Resumo: Seguindo a Teoria da Crítica à Sociedade, da Escola de Frankfurt, este trabalho parte do conceito de intertextualidade, do entrecruzamento da história e da literatura, observando da importância do reconhecimento de uma na outra para o aprofundamento da investigação. Trata-se da análise acerca da pertinência da leitura do romance *Don Frutos*, de Aldyr Garcia Schlee, à luz da metaficção historiográfica. Com isso, busca-se apresentar como a obra apresenta/inventa fatos históricos e sua importância na construção de uma personagem ficcional na figura de José Fructuoso Rivera y Toscana, primeiro presidente constitucional uruguaio, em sua estada na cidade de Jaguarão, no sul do Brasil.

**Palavras-chave:** *Don Frutos*. Literatura e História. Metaficção historiográfica

## Introdução: o texto e o contexto

Para que se possa estabelecer uma metodologia comparatista em uma pesquisa, é necessário definir os elementos que serão relacionados e apontar, no mínimo, a que caminho se pretende trilhar. Portanto, ao se colocar lado a lado um texto ficcional e o discurso histórico, é imprescindível que se compreenda as implicações da natureza de cada um deles e qual a relevância em aproximá-los, assim como um possível, ou até mesmo provável resultado desse movimento.

Partindo dessas afirmações, este trabalho pretende relacionar, através de conceitos de intertextualidade, o texto ficcional de Aldyr Garcia Schlee, no romance denominado *Don Frutos* ao discurso histórico. Faz-se necessário, entretanto, apresentar a fundamentação que conduzirá a análise, assim como justificar o processo.

A primeira base teórica que é apresentada diz respeito à intertextualidade. Indica como um discurso se constitui de outros, ainda que não tenham a mesma natureza ou intencionalidade. Nesse caso, Tânia Carvalhal afirma que “a obra literária se constrói como uma rede de 'relações diferenciais' firmadas com os textos literários que a antecedem, ou são simultâneos, e mesmo com sistemas não-literários.” (CARVALHAL, 1994, p.47). Portanto, a ficção é construída com relações que podem extrapolar sua natureza. A relação com a sociedade é uma forma de exercitar essa compreensão, acima de tudo se for considerada a visão de Antonio Candido sobre tal fato:

[...] só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, nordeado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. [...] o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na construção da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CÂNDIDO, 2000, p.6)

Essa afirmação traz duas compreensões: o respeito à natureza da obra e a visão de que é necessário compreender as relações que essa mesma obra tem com o espaço onde está inserida. Nesse caminho, ainda há que se considerar que a historiografia integra a rede referida por Carvalho e constitui elemento fundamental para a composição do social. Por consequência, chega-se à afirmação de que o discurso histórico é relevante para a investigação comparatista, pois é socialmente revelador, conforme constará mais adiante.

Partindo daí, verifica-se que o literário absorve as dinâmicas sociais como fatores constitutivos, sendo necessário que se observe também o externo. A reciprocidade se dá, no entanto, no momento em que se busca a realização de leitura crítica e se adota tal procedimento. Por consequência, acabam por surgir os registros culturais na obra.

## Literatura e história

*A mesma obra pode, portanto, ser um grande livro de história e um admirável romance.*<sup>4</sup>

Para Paul Ricoeur, “narrar qualquer coisa é narrar *como se* isso tivesse se passado” (RICOEUR, 2010, p.323). Tal afirmação só é possível porque a ficção se constrói sobre a base do que poderia realmente ter ocorrido. Mais: considerando-se uma obra como *Don Frutos*, é plenamente viável sustentar que a linguagem ficcional conta algo que *provavelmente* ocorreu. Logo, pode-se afirmar que um texto estético é capaz de dar conta de algo que *poderia ter* acontecido, que *talvez tenha* acontecido ou que *provavelmente tenha* acontecido.

A bem da escolha da epígrafe, partindo da compreensão de que a narrativa é fundamentada na probabilidade, é coerente afirmar que não há como determinar peso diferente, tanto à linguagem literária quanto à historiografia, no romance. Nesse jogo, o fato de a obra ter a capacidade de refiguração da história não é mais, nem menos, importante do que sua construção enquanto linguagem: *Don Frutos* é um romance e, como tal, tem seu valor estético por suas relações internas formais, podendo e devendo ser lido como obra de ficção; ao mesmo tempo, trata-se da construção biográfica do General José Fructuoso Rivera y

---

4 Cf. RICOEUR, 2010, p. 318. Alusão à capacidade de uma obra em ter valor literário pela sua estrutura interna e o fato disso não invalidar sua capacidade de refiguração da história e vice-versa.

Toscana, onde consta fatos importantes na história da personalidade do homem que presidiu a República Oriental do Uruguai e que teve participação decisiva no processo de independência do país. Nesse ponto, há o encontro entre a biografia de Frutuoso e a ficção de *Frutos*, que pode ser visto como o que Paul Ricoeur chama de “entrecruzamento entre história e ficção”, tratando da relação de apropriação que ocorre entre uma e outra, de maneira recíproca:

Por entrecruzamento entre história e ficção, entendemos a estrutura fundamental, tanto ontológica como epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam suas respectivas intencionalidades tomando de empréstimo a intencionalidade da outra. (...) essa concretização só é alcançada na medida em que, por um lado, a história se serve de alguma maneira da ficção para refigurar o tempo, e em que, por outro, a ficção se serve da história com o mesmo intuito. Essa concretização mútua marca o triunfo da noção de figura sob a forma do *figurar que...* (RICOEUR, 2010, p.311-312)

Refigurar seria, então, contar um fato histórico como se fosse ficção ou narrar um romance utilizando do factual. Nesse ponto, surgiria a visão de Cândido, exposta anteriormente, onde, mesmo com o respeito à natureza de cada área do conhecimento, o empréstimo de procedimentos cria a possibilidade da devolução: o factual empresta documentos e recebe em troca a história que *provavelmente* aconteceu, assim como o ficcional empresta a construção linguística que torna compreensível a historiografia e recebe em troca os itens que a institui verossimilhança externa.

Outro conceito que trata da relação entre a literatura e a história é o da metaficção historiográfica, proposto por Linda Hutcheon:

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade esse tipo de ficção pós-moderna também recusa a rejeição do passado extratextual ao domínio da historiografia em nome da autonomia da arte. (HUTCHEON, 1991, p.126-127)

A discussão de que o literário pode ter a mesma pretensão a contar a verdade e a compreensão de que a historiografia pode ter construtos ficcionais, acabam por trazer um ponto de encontro entre ambas as áreas, tal como a possibilidade a qual alude a epígrafe.

## **Os elementos culturais: o fronteiroço**

Seguindo a visão da construção peculiar e da regionalidade a partir da alteridade gerada pela referenciação entre o local aqui estudado e os territórios nacionais a qual pertence, Léa Masina aponta que

*Fronteira* significa a hibridização cultural, incluindo o registro, na linguagem, de apropriações, mediações,

assimilações e subversões de temas, ideias, imagens, formas e mitos existentes entre os vizinhos lindeiros. No entanto, no Rio Grande do Sul, o *fronteiriço* não raro coincide com o *regional*, ambos entendidos como um espaço de trocas permanentes, que acolhe influxos culturais diversos, e onde se tornam visíveis os sintomas de resistência aos processos nacionalistas homogeneizadores. (MASINA, 2004, p.97)

Sendo assim, um espaço fronteiriço como um lugar culturalmente autônomo e com raízes identitárias que o particularizam só será reconhecido como tal se este possuir elementos de construção próprios e possíveis de serem distinguidos dos estados-nações em que se inserem. Em consequência, também deve permitir que se faça distinção em pertencer ou não, a exemplo do que aqui é tratado, em que a semelhança entre Jaguarão e Rio Branco é muito maior que entre a primeira e a metrópole mais próxima, assim como ocorre em tantos casos similares.

Aldyr Garcia Schlee nasceu em Jaguarão, fronteira do Brasil com o Uruguai. É vencedor de importantes premiações por sua produção ficcional como o *Fato literário!*, a *Bienal Nestlé* de literatura brasileira por duas vezes, *Prêmio Açorianos de Literatura* por cinco vezes, chegando a finalista do *Casa das Américas*. Somando-se a isto o fato de ser também um cidadão de fronteira, visto a localidade de nascimento e as relações estabelecidas em sua obra, além de ter alguns livros editados primeiramente no Uruguai e depois traduzidos ao português pelo próprio autor. Outros fatores que costumam integrar a obra de

Schlee são a ausência, a transitoriedade, o não-pertencimento. Todos relacionados à cultura regional.

### ***Don Frutos***

*Jamais um homem teve, ao mesmo tempo,  
tanta felicidade contrariada por tantas  
vicissitudes.  
Sua vida parece que foi tirada de um Romance.<sup>5</sup>*

O romance *Don Frutos* é ambientado na cidade brasileira de Jaguarão, que faz fronteira com Rio Branco, do Uruguai. Trata-se do período de estada do General José Fructuoso Rivera y Toscana na localidade em seu retorno do desterro no Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, no ano de 1853. A narrativa é marcada pela permanência da personagem, na tentativa de recuperar sua saúde e retornar ao país para assumir pela terceira vez a presidência da república. Durante o período, Don Frutos tem sua história contada a partir dos documentos que são encontrados no seu baú, de narrativas saídas das vozes de seus próximos e do que provém da oralidade. Isso acaba por criar uma espécie de biografia de Rivera, contando fatos reconhecidos pela historiografia, ainda que em perspectiva diversa, trazendo outros “descobertos” misturados aos ficcionais. Após um período de tentativa de

---

5 Extraído do próprio romance, das palavras que seriam de Marcel Chevalier de Saint Rovert, secretário do Barão Deffaudis, Embaixador da França no Rio da Prata, sobre Fructuoso Rivera. (SCHLEE, 2010, p.144)



recuperação, em que tem sua vida apresentada, Fructuoso se vê próximo à morte e parte para um fim em terras uruguaias.

*Don Frutos* apresenta algumas particularidades. Uma delas diz respeito aos documentos “descobertos” e “inventados”. Porém, não há como identificar quais pertencem a qual categoria, devido a todos utilizarem de tipografia própria e não terem linguagem que possibilite tal distinção, conforme pode-se perceber:

MONTEVIDEO, 26 de setembro de 1853.

Sr Brigadeiro General

Don Fructuoso Rivera.

Querido Compadre e amigo:

Te dirijo esta para fazer saber que o Sr. Don Juan F. Giró se há retirado da Presidência faz dois dias e uma comissão composta de Ud., el Sr. Coronel Flores e eu, fomos nomeados para desempenhar o Governo Provisório.

O sr. General Pacheco le informará da crise em que nos achamos envolvidos e eu só desejo que Ud. Melhore e se ponha em marcha sem falta de tempo.

Recuerdos de minha Comadre e Ud. receba-os de seu verdadeiro amigo e Compadre que le deseja felicidade,

Juan Ant.o Lavalleja (SCHLEE, 2010, p.427)

Trata-se, nesse caso, de carta enviada pelo General Juan Antonio Lavalleja, compadre de Fructuoso Rivera. O documento é capaz de demonstrar dois itens importantes: o fato, já dito, de que possui tipografia própria, embora não esteja impresso como *fac-símile*, o que indica uma diferenciação da narrativa, propondo que seja lido como possível documental; a presença, no romance, da personagem Lavalleja, visto tratar-se de uma personalidade

histórica incorporada ao discurso ficcional, elemento de *entrecruzamento* a qual se refere Ricoeur. Outro elemento destacável é que as datas, bem como os fatos destacados na carta de Lavalleja, a exemplo da saída de Giró da presidência e da nomeação dos Generais Flores, Lavalleja e Rivera como integrantes de um governo provisório, integram a historiografia reconhecida.

Ainda há que se considerar que Schlee se utiliza da paráfrase, não só para imprimir verossimilhança interna, mas para criar o efeito do que *provavelmente* ocorreu. Isso se dá através da imagem criada pela possibilidade de que qualquer documento pode ser o real, mas que também pode ser compreendido como todos eles poderiam ser.

De outra forma, a metaficção historiográfica aparece como forma de leitura importante através de outros três elementos, que são a presença do *ex-cêntrico*, da *carnavalização* e do diálogo com a tradição literária.

O ex-cêntrico é estabelecido na própria figura do General Frutuoso, visto tratar-se de um homem que já havia estado no centro da história quando presidente, mas que é apresentado como alguém que está retirado desse centro. O romance também apresenta personagens que não constam na historiografia, mas que sua existência é possível, misturados aos reconhecidos. Não seria surpresa se uma investigação venha a descobrir a existência factual de alguma delas. Além disso, essas personagens ganham relevância de maneira que participam efetiva e decisivamente na tessitura da narrativa, como o

alemão chamado von Drotte ou von Drot, depois conhecido na vila por Fondrote, mas que atendia por Rodolfo, isto é, Rudolph (mais precisamente, Herrmann Rudolph) - e que poderia ter sido, na verdade, Herrmann Rudolph Wendroth -, foi esse alemão quem veio a facilitar as coisas para os que precisavam lidar com Rivera e que, sempre que o General se dispunha a defecar, tinham que cuidar as suas fezes. (SCHLEE, 2010, p.51)

O alemão, descrito como uma figura franzina, lenta e de aparência mal cuidada, é um forasteiro que vem a tomar posto importante na narrativa, visto que é contratado para desenhar e descrever, com a maior riqueza de detalhes possível, as fezes do General. Dessa maneira, Drotte entra no romance como personagem periférica e acaba por ganhar importância, pois é através dele que a precária saúde de Rivera é exposta. Pelas mãos de Rudolph é que se pode perceber que a situação vai piorando e que Frutos definha.

Há que se considerar, ainda, que “elevar a 'experiência privada à consciência pública' (...) equivale, isso sim, a entrecruzar o público e o histórico, o privado e o biográfico.” (HUTCHEON, 1991, p.128). Assim, quando a experiência quanto à saúde de Don Frutos é trazida ao centro da narrativa, faz com que entrecruze a historiografia e a ficção, assim como a biografia é entrecruzada com a linguagem ficcional do romance.

A citação sobre o nome de Drot também abre caminho para outras observações relevantes: a indecidibilidade do nome do alemão, configurando o que diz Benjamin anteriormente; a carnavalização através do rebaixamento da figura de Rivera, antes

um herói da independência e grande presidente da república e agora um homem que precisava de auxílio para as necessidades fisiológicas, mas que, acima de tudo, para bem da tentativa de recuperação e restabelecimento de sua saúde, necessitava que suas fezes fossem analisadas e tivessem características registradas, inclusive em aspectos visuais.

Outra forma em que a carnavalização surge como ponto importante para a compreensão do diálogo entre a personagem e a personalidade de Frutuoso com o momento histórico a qual é relacionado, assim como o momento pessoal do General é a sua chegada a Jaguarão, onde a população o receberia apresentado como uma “triste figura” que mal conseguia parar sobre o cavalo.

### **Intertextualidade: a incorporação da tradição literária**

Se até aqui percebe-se que *Don Frutos* dialoga com a historiografia, absorve e devolve um discurso de construção simbólica capaz de refigurar a história, implicando numa relação interdiscursiva<sup>6</sup>, também há que se observar a relevância da intertextualidade com a tradição literária. Isso ocorre através da incorporação de duas personagens da tradição literária, uma de caráter regional, na figura de Martin Fierro, criação de José Hernández, e outra de reconhecimento universal, Don Quixote de la Mancha. Curiosamente, mas não sem propósito, ambos pertencem à língua hispânica.

---

6 Considerando a ideia de *interdiscursividade*. (HUTCHEON, 1991, p.169-170).

Martín Fierro é personagem fundadora da cultura *gaucha*, assim definida no prólogo de uma das edições<sup>7</sup> “El gaucho Martín Fierro es la expresión más pura y brillante del mundo gaucho; com ella se culmina y se consagra el ciclo de la literatura gauchesca, iniciado a finales del S. XVIII.”. Trata-se de um “cantador” de causos que institui a linguagem que caracteriza o homem da região do Pampa, paisagem típica da região que compõe o sul do Brasil, o território do Uruguai e o norte da Argentina. A través de Fierro, institui-se a linguagem campeira e é considerado uma espécie de “fundador” da regionalidade.

Há que se apontar a forma utilizada pela personagem de Hernández, em especial na distribuição em seis versos com sete sílabas poéticas cada, com esquema rítmico 2-4-7 e rimas distribuídas na ordem A-B-B-C-C-B. Tal esquema é utilizado na tradição literária e no cancionero regional.

Assim, pode-se dizer que Fierro é personagem precursor de uma estética que incorpora a linguagem regional, com forma específica e que se transforma em tradição literária de um espaço.

A relação da personagem gauchesca com Don Frutos é dúbia: assim como o Poeta, o General é um caudilho, homem do campo; ao mesmo tempo, Fierro aparece como um amigo de Rivera. As duas personagens, tanto o uruguaio como personagem-personalidade, quanto o argentino, são protagonistas nas obras a qual pertencem. Mas o fator mais relevante é a relação pessoal de

---

7 HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Mac Ediciones, 2005.

ambos, o puramente ficcional Martín e o problemático Frutuoso. Ambos encontram-se como amigos, inclusive, com o *payador* declamando seus feitos, através de uma incorporação que Schlee constrói, utilizando da mesma estrutura formal. Cabe salientar que o Fierro que apresenta-se no romance, devido à semelhança, é também um tipo de personagem capaz de produzir um efeito de que *provavelmente* fosse factual, devido sua localização e suas características.

O segundo elemento incorporado diretamente é a personagem Don Quixote, que também surge de duas maneiras: como citação direta, através de documento que demonstra citações da obra de Cervantes; através da personificação do cavaleiro da triste figura na chegada de Frutos a Jaguarão, visto que

Estava espantosamente magro e feio, tanto que, mesmo os que tivessem lidado com ele a vida inteira, mesmo os que o conhecessem muito bem de vista ou de retrato, ninguém ali poderia reconhecer, naquela figura vacilante, de sorriso triste e cabelo empastado, o brioso e famigerado caudilho, cujo renome e cuja notoriedade desafiavam a imaginação e a fantasia de todos, criando uma imagem da qual se esperava sempre que - se não fosse reveladora do poder e da autoridade de outros tempos - pelo menos transmitisse a energia, a força, o vigor das glórias e conquistas passadas. (SCHLEE, 2010, p.27-28)

Nesse ponto, Schlee constrói a imagem de um homem em decadência, conforme apontado anteriormente, mostrando um Frutos outrora brioso, caudilho e libertador, agora incapaz de

corresponder à expectativa, frágil e triste. Alguém que era capaz de fazer sonhar com suas histórias quem as ouvisse, e que agora não poderia levar a lenda a diante. Com isso, Frutuoso personifica Quixote em sua triste figura, aludindo ao jogo realidade-imaginação proposto no romance de Cervantes, onde um fidalgo mergulha na fantasia de integrar um romance de cavalaria.

Tal como Frutos, Quixote é protagonista de um romance homônimo. Porém, se o General é uma figura problemática para esta análise, enquanto biografado-ficcionalizado, o fidalgo é personagem estritamente ficcional. De outra forma, Quijano é uma paródia à tradição literária dos romances de cavalaria e tem, em sua realidade, a ilusão de integrar o que conhece como ficção, ao passo que Frutuoso é personagem que é buscado de sua realidade para ser imerso na ficção.

Além da personificação, Rivera não só é leitor de Quixote, mas tem uma lista de citações retiradas do romance de Cervantes, intitulada *Ditos e refrãos* que

vem de usar o Senhor General Don Frutuoso Rivera em suas falas de todo o dia e algumas vezes em sua correspondência - anotados por seu secretário e capitão Pedro Onetti, desde janeiro de 1853 em viagem; e em seu Quartel General em Marcha, no Cerrito de Yaguarón, em Brasil. (SCHLEE, 2010, p.299)

Rivera utilizava-se de tais citações, segundo o romance, para imprimir a voz da tradição literária em seu discurso, tal como Schlee o faz. Com isso, a proposta do texto ficcional é a de

aproximar o discurso histórico ao literário, aludindo e definindo que trata-se de ficção, mas que nela é encontrado o factual. O próprio *Don Frutos*, pela voz do protagonista, traz sua versão para este jogo, quando diz que “do dito ao feito hai muito eito” (SCHLEE, 2010, p.298), indicando que os fatos são mais aceitos enquanto registrados, independentemente de sua veracidade.

Outro ponto importante para a análise de *Don Frutos* do ponto de vista literário e de sua capacidade de diálogo com a historiografia diz respeito a forma com que o narrador é percebido: alguém que aparentemente não é contemporâneo aos fatos narrados, mas que os conta como se presenciasse tudo.

É plenamente viável afirmar que quem narra o romance é alguém que está na busca pela refiguração da história. Trata-se de um ente que vai em busca de documentos, entra na casa onde teria ficado Rivera em sua estada na cidade fronteiriça e que, aparentemente, é capaz de contar os acontecimentos *como se* estivessem ocorrendo e, em outros momentos, ou ao mesmo tempo, com a voz localizada no momento da leitura.

O resultado desse processo pode ser relacionado à cultura fronteiriça quando o narrador faz o movimento de ida e volta aos períodos específicos: inicia o primeiro capítulo afirmando que “O INVERNO de 1853 foi o pior inverno que Jaguarão teve” (SCHLEE, 2010, p.15), indicando seu posicionamento na atualidade - e na sequência relata o clima detalhado da época, o que lhe seria praticamente impossível reconstituir; em outros momentos, é



capaz de descrever, com detalhes, algo que ocorre com Rivera, como seu tom de voz

- Bernardina... - sussurrou ele.

- Bernardina. - dissera.

- Bernardina! - gritara.

Doña Bernardina estava do outro lado da cama, sob um xale de lã crua, as mãos postas em interminável bordado, e se chegou logo até o marido, que buscava coragem para mover-se mas mal-mal volteava a cabeça, franzindo o rosto e apertando os olhos (SCHLEE, 2010, p.16).

Nesse ponto, o narrador fala de algo que não haveria como ter conhecimento: o tom de voz de Rivera, quantas vezes chamou pelo nome da mulher, como Bernardina estava vestida, mas acima de tudo, demonstra sua pretensa onisciência falando de algo interno às personagens, como a busca do General pela coragem para mover-se.

Há também as indicações de que o narrador estaria como que na presença do próprio Frutos, em Jaguarão: “RIVERA recebeu hoje os mais distinguidos de seus visitantes habituais para um chá da tarde” (SCHLEE, 2010, p.86). “RIVERA recebeu ontem mais uma visita.” (p.103). Em outras passagens do romance, ainda narra, como se houvesse conhecimento total do ocorrido, a outros momentos da história vivida pelo Frutos, como a infância, a juventude e o desterro do protagonista, a exemplo da cantoria de Fierro na ocasião de *Mataperros*, na demonstração de sua vocação campeira

HAVIA empunhado uma tercerola, pela primeira vez, quando andava pelos dezesseis, dezessete anos. Então, já manejava o sabre e a lança, por puro exercício de destreza. E sabia bem sujeitar os bois à canga, conduzir o arado no sulcar a terra, dispor nos sulcos as sementes de uma sementeira. (SCHLEE, 2010, p.142)

Para que alguém tivesse conhecimento dessas características da biografia de Frutos, era necessário acompanhá-lo, ter contato com quem pudesse testemunhá-lo ou recolher tais informações no conhecimento público. Porém, cabe salientar que a historiografia parte também desses pressupostos, assim como a ficção. O que acaba pendendo, nesse caso, à linguagem literária, é o fato de logo após a narração ser apresentada com um diálogo em discurso direto, o que não haveria como ser resgatado, visto tratar-se de uma situação que provavelmente não foi registrada.

Há que se considerar que o narrador do romance é problemático. Fala de momentos e lugares de onde não foi testemunha, tem uma pretensa onisciência, ainda que esta revele a construção textual que costura os fatos e os transforma em narrativa. Por outro lado, este mesmo narrador faz as vezes do historiador e do documentarista, buscando os fatos registrados, ordenando-os e, por vezes, aproximando da dramatização que caracteriza a linguagem cinematográfica. Assim, a historiografia e a ficção se entrecruzam.

## Considerações finais

Conforme visto aqui, o romance *Don Frutos* propõe-se a discutir dois elementos interligados: de um lado a ficção e suas implicações formais particulares e a sociedade, através da historiografia. Dessa proposta, pode-se afirmar que os conceitos de metaficção historiográfica e o entrecruzamento entre história e ficção, dentro do diálogo entre a literatura e a sociedade, são caminhos não só válidos, mas os mais adequados para uma leitura crítica sobre a obra.

Nesse caso, a afirmação de que *Don Frutos* traz elementos capazes de discutir o fazer literário e sua tradição, expostos pelo diálogo, seja paródico ou parafrásico, também apontam para a discussão da historiografia, especialmente em se tratando do que *provavelmente* tenha ocorrido na vida privada do General ou nos momentos em que os registros não foram devidamente apresentados pelo discurso oficial ou que foram descobertos. Também há de se atribuir a capacidade de diálogo através dos mesmos documentos/fatos “descobertos” com os “inventados”, misturados para o bem da criação de uma trama rica em imaginação e de valor literário singular, mas capaz de iluminar fatos obscurecidos através da curiosidade e da probabilidade.

Há que se considerar que a linguagem empregada se faz valer dos valores culturais fronteiriços, baseados no trânsito entre o factual e o inventado, entre o momento da narrativa e o momento do fato narrado, entre a memória coletiva e a imaginação do produtor.

## Referências:

*Biografia do Gral Fructuoso Rivera*. Disponível em:  
<[http://www.escueladigital.com.uy/biografias/f\\_rivera.htm](http://www.escueladigital.com.uy/biografias/f_rivera.htm)>.  
Acesso em: 3 jun. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote*. Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española, 2005.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Direção geral de Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. CD-ROM.

Entrevista com o autor. *Ardotempo*. Disponível em:  
<<http://www.ardotempo.blog.sapo.pt/94830.html>>. Acesso em: 4 jun. 2012. Sem referência de entrevistador.

GRUNER, Ricardo. *O pampa de ficção e história de Aldyr Garcia Schlee* (entrevista com Aldyr Garcia Schlee). Disponível em:  
<<http://www.interjornal.com.br/noticia.kmf?cod=12836834>>.  
Acesso em: 2 maio 2012.

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: MAC Ediciones, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-moderno*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.120-226.

RAMIL, Vitor. VARGAS, João da Cunha. Gaudério. In.: *Ramilonga - a estética do frio*. 1997. Disponível em:  
<<http://minerva.ufpel.edu.br/~ramil/vitor/discog/ramilong/index.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

RICOEUR, Paul. A ficção e as variações imaginativas sobre o tempo; O entrecruzamento da história e da ficção. *Tempo e narrativa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Don Frutos*. Porto Alegre: Ardotempo, 2010.